

LITERATURA E DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Rebeca Baia Sindeaux¹
Thiago Alves Moreira Nascimento²

RESUMO

O presente artigo é fruto de pesquisas e estudos em torno do desenvolvimento infantil a partir da perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica. A proposta de artigo parte do mote para o trabalho com a literatura, e o objetivo é compreender e refletir que o contato com as histórias alarga consideravelmente a formação humana e contribui para uma prática educativa mais adensada naquilo que nos torna humanos. Configura-se em uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Concentra-se em discutir a importância da Literatura para o desenvolvimento de funções psíquicas superiores e no desenvolvimento da linguagem, da imaginação e da criatividade, principalmente. Salienta-se, assim, a importância de contar e de ouvir histórias, em qualquer contexto que a humanidade se encontre, compreendida também como experiência educacional. Discutimos, a partir dos estudos realizados, a importância do adulto, metodologicamente preparado, promover o acesso ao mundo humano por meio das narrativas orais e escritas, possibilitando a aquisição da memória humana como plataforma para a criatividade e a imaginação, assim como ao próprio desenvolvimento do sujeito.

Palavras-chave: Literatura, Desenvolvimento Infantil, Formação Humana.

INTRODUÇÃO

Durante este tempo de isolamento e/ou restrições ao convívio social tem crescido a procura pela arte, seja através da compra de livros ou por *lives* de artistas. No campo educacional, o que se ampliou bastante foram vídeos, na maioria no *YouTube*, de aulas das mais diversas, mas sobretudo cresceu o número de contadores de histórias que se “readaptaram” para as demandas deste novo contexto e voltaram-se para contar história através do olho de vidro das câmeras, prática já inaugurada por alguns contadores e professores. Contudo, a prática de contar histórias através das telas não é o cerne do trabalho da narradora e do narrador oral, como também não é das professoras e dos professores. Ainda, o trabalho com a literatura no âmbito

¹Mestra em Educação pela Universidade Regional do Cariri – URCA, professora, pesquisadora e contadora de histórias, rebeca.baia.sindeaux@gmail.com

²Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, professor do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA, thiago.moreira@urca.br

educacional tem sido uma demanda que é anterior à pandemia, mas tem se intensificado no atual contexto.

Há uma percepção da necessidade de a arte fortalecer e garantir humanidade diante de tanto sofrimento. É sabido que as educadoras e os educadores contam histórias para as crianças e jovens. Assim, a presente artigo tem por **objetivo** compreender e refletir que o contato com as histórias alarga consideravelmente a formação humana e contribui para uma prática educativa mais adensada naquilo que nos torna humanos.

A arte de contar história é ancestral, há milênios as mulheres e os homens param o tempo ao proferirem “ERA UMA VEZ...” Narrar é uma necessidade tipicamente humana. Não há quem suporte passar a vida sem contar algo que tenha lhe acontecido ou com o outro. Portanto sempre estivemos ao redor de nossas histórias, cânticos, provérbios, ditados. Deste modo a literatura compõem nossas vidas, mesmo quando não temos dimensão/consciência disto. Pode-se arriscar dizer que esta literatura oral sempre alimentou nossas almas, pois como toda arte, a literatura nos humaniza e nutre nossa imaginação criadora, e também possibilita reelaborar questões íntimas, corroborando com o desenvolvimento de capacidades psíquicas superiores: atenção voluntária, percepção, memória voluntária, imaginação, criatividade.

A literatura pode possibilitar uma aventura estética com a linguagem que inclusive supera as intenções do autor, porque suscita a imaginação criadora e a fantasia, que diferente do que habitualmente se pense ser algo fora da realidade, tudo que foi produzido de ciência, tecnologia, cultura e arte é fruto da imaginação criativa de mulheres e homens (VIGOTSKI, 2009b).

Ao ler ou ouvir uma história podemos suscitar o imaginário, a curiosidade, e tal experiência pode nos ensinar sobre nós e sobre um mundo. Através das narrativas é possível se alegrar, se emocionar ou até mesmo sofrer com as situações vividas pelos personagens, e quem sabe encontrar outra ideia para solucionar questões ou esclarecer melhor as próprias dificuldades. As histórias “[...] despertam o espírito juvenil que existe em qualquer pessoa, seja criança ou adulto” (FARIAS, 2011, p. 21). E “escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter o caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo” (ABRAMOVICH, 1997, p. 16).

Neste sentido compreendemos a importância da escuta e da educação literária, como pressuposto para formação humana e possivelmente para a formação do leitor e do produtor de texto.

Assim, entendemos que o trabalho com a literatura no âmbito escolar pode ser enriquecido através das narrativas, pois ouvir histórias pode corroborar para o desenvolvimento

e aprendizagem dos educandos, contribuindo com a possibilidade daquele que escuta pensar de forma mais complexa, ou melhor, na construção e reelaboração dos elementos deste pensar; que se enriquece a cada nova vivência/experiência, alargando a sua compreensão do mundo. Cabe salientar que, para Vigotski, o desenvolvimento e a aprendizagem são diferentes, porém articulados entre si, numa relação dialética. Como frisa Moraes (2013, p. 6): “a aprendizagem influencia o desenvolvimento, assim como o desenvolvimento influencia a aprendizagem. Isto ocorre, não apenas em um espaço reservado e único, mas na vivência social”.

Percebemos através da pesquisa que a arte de contar histórias potencializa o trabalho com a literatura no ambiente escolar, que por sua vez corrobora para o desenvolvimento e formação integral das crianças e jovens. Compreendemos que o contato com os livros e com boas histórias proporciona encantamento, desperta a fantasia e a imaginação criadora, além de enriquecer a criatividade mediante o contato com elementos novos que podem vir a compor seu entendimento sobre o mundo.

METODOLOGIA

Para o referido trabalho foi utilizada a pesquisa de cunho bibliográfico a fim de fazer uma revisão da literatura referente às categorias e a fundamentação epistemológica do tema.

Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, em que as questões dos significados e das intencionalidades aparecem como inerentes aos atos, às relações, e as estruturas sociais (MINAYO, 2004).

Para discutir e atingir o objetivo proposto, utilizamos o método dialético, pois “enquanto o materialismo dialético histórico representa o caminho teórico que aponta a dinâmica do real na sociedade, a dialética refere-se ao método de abordagem deste real” (MINAYO, 2004, p.65).

Na tentativa de compreender o processo sócio-histórico a partir do seu dinamismo, provisoriamente e transformação, a dialética procura abranger a prática social empírica dos indivíduos em sociedade e realizar a crítica das ideologias, ou seja, “[...] do imbricamento do sujeito e do objeto, ambos históricos e comprometidos com os interesses e as lutas sociais de seu tempo” (Ibidem).

Partimos da compreensão de que “toda vida humana é social” e por isso está aberta a mudanças, a transformações, portanto “toda construção social é histórica” (MINAYO, 2004, p. 67-68).

Desta maneira, a perspectiva dialética nos forneceu as possibilidades de contestar os modelos postos, entender a problemática que envolve o trabalho com a literatura infantil na

busca da essência da questão, tendo em vista que se intencionou colaborar efetivamente para uma transformação que leva em consideração as questões trazidas pela realidade concreta do campo de pesquisa, bem como se pudesse perceber os conflitos e as contradições que envolvem o trabalho com essa literatura no interior da sala de aula. Assim se torna possível – partindo da realidade – propor uma mudança necessária ao desenvolvimento de um trabalho efetivamente de qualidade para as crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Se em outros momentos a criança passava basicamente seu tempo com a família, a sua educação se dava a partir da interação com os pais e familiares, através do contato, do cuidado, das brincadeiras e da oralidade. Na atualidade, todavia, crianças vão cada vez mais cedo para creche e sua educação passa a ser também mediada pelos (as) educadores (as). Desta maneira, desde a mais tenra idade, as histórias, ainda que de forma espontânea e assistemática – no âmbito familiar –, e de maneira planejada e intencional – no âmbito escolar – fazem parte da educação e socialização das crianças.

Nos primórdios da humanidade, a principal forma de se preservar as experiências de antepassados e de colocá-las para as novas gerações se deu pelas narrativas. O fato de ser a tradição oral anterior à linguagem escrita e mesmo à pictográfica fez com que muitas histórias tenham sido contadas antes mesmo de poderem ser registradas. É importante salientar que, nesse momento histórico, não havia distinção de histórias para crianças ou adultos, sendo as narrativas contadas para repassar alguma tradição, costume ou ensinamento da época.

Com o avançar do tempo, as relações sociais se complexificaram e o conhecimento humano acerca do mundo se ampliou e se diversificou. Conceitos como o de infância então passam a fazer parte do entendimento de mundo, conseqüentemente, a tradição oral de contar histórias começa a contemplar também essa nova conformação.

Se na Idade Média a criança é considerada um adulto em miniatura e as narrativas para elas são as mesmas contadas aos adultos, a partir da Modernidade, em especial com o advento da burguesia, são levadas em consideração as especificidades da educação e moralização dos futuros integrantes da sociedade que se desejava, mediante o qual o caráter ideológico dos contos é enaltecido. Assim,

Recorria-se aos contos para encantar os pequenos, mas, sobretudo, para ensinar as virtudes necessárias à “boa formação” da criança. Isso não destoava das concepções escolares acerca da infância que se pretendia formar no período: a criança moralizada, gentil, polida e acima de tudo civilizada. O modelo burguês é evidenciado e investe-

se na ideia da criança idealizada, do vir a ser do futuro adulto útil e ajustado aos conceitos civilizatórios. (VALDEZ e COSTA, 2013, p.166).

É importante destacar que ideologias marcam as histórias com um conjunto de concepções, no caso dos contos clássicos, por exemplo, de sociedades pré-cristãs e cristã-burguesas (DINIZ, 1995). O fato é que as histórias, frutos de determinado tempo e de concepções de mundo, educavam para atender as necessidades de formar os indivíduos de cada época. Um grande problema reside, então, na seleção de histórias que podem reforçar costumes/práticas não mais aceitáveis ou em discussão avançada na contemporaneidade, podendo debilitar a construção da criticidade.

Considerada como sujeito distinto do adulto, a criança passa a ter a possibilidade de histórias exclusivas às suas necessidades – da época – e ao consequente surgimento da literatura infantil. E a escola acaba sendo um espaço fundamental para a relação entre essa literatura, educação e a formação dos futuros leitores, através do contato com histórias de outros lugares, de fábulas, contos, poesia, até os dias hodiernos.

Entretanto, cabe ressaltar a necessidade de uma leitura/observação crítica acerca das obras infantis e de que o contador precisa ampliar seu próprio universo a fim respeitar a inteligência e a sensibilidade das crianças, bem como perceber o caráter ideológico que permeia os contos.

Destacamos, desta maneira, a importância e a relevância de se contar histórias para os bebês, para as crianças bem pequenas e para as pequenas, momento privilegiado de viver encantamentos, de experimentar sentimentos diversos, aguçar a imaginação, de estreitar laços, ampliar o conhecimento de mundo e universo vocabular, de repensar e enfrentar seus conflitos, a partir do envolvimento com os dilemas dos personagens.

Reconhecer a importância e relevância de contar histórias para crianças pequenas não é algo novo. Ao recorreremos às publicações de autores pioneiros no estudo desta faixa etária, nos séculos XVIII e XIX, como Pestalozzi, Froebel, Montessori, Pape-Carpentier e outros, encontramos pistas que enfatizam a ‘hora do conto’ como uma atividade relevante na educação de crianças pequenas (VALDEZ e COSTA, 2013, p. 166).

Nos períodos de contato com o cotidiano da Educação Infantil, como docentes e posteriormente como pesquisadores, percebemos que, muitas vezes, a atividade de contar histórias é relegada a segundo plano ou até mesmo desconsiderada em toda a sua potencialidade por parte dos (as) educadores (as). O desejo de compreender essa questão acabou por se aliar à vontade de trazer à tona o importante papel do ato de contar história, que pode resgatar emoções, fantasia e imaginação, além de corroborar com o desenvolvimento e formação humana. Espera-

se, de certo modo e de forma mais ampla, que as narrativas possam incentivar o desejo da escuta, da fala e de aprender a ler, de ter no ato da leitura a busca da fruição e do encantamento que o ouvir história pode disponibilizar, e proporcionar o desenvolvimento infantil a partir das possibilidades da imaginação criadora, pois

No cotidiano, designa-se como imaginação ou fantasia tudo o que não é real, que não corresponde à realidade e, portanto, não pode ter nenhum significado prático sério. Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia (VIGOTSKI, 2009b, p.14).

Nesse sentido, destacamos a relevância de uma formação de educadores (as) que contemple o entendimento sobre o processo de desenvolvimento infantil, bem como a formação da linguagem, além da especificidade de trabalhar com a arte de narrar histórias para a formação não só de leitores e produtores de texto, mas de indivíduos capazes de intervir nas relações sociais e produzir novos conhecimentos. É necessário ter em vista que a literatura possibilita o desenvolvimento integral, o que de certo modo colabora com o desenvolvimento de diferentes habilidades, inclusive no processo de aquisição da escrita, na perspectiva do letramento, em que a criança reconhecia, por via da literatura, a função social da escrita. Neste caminho Ribeiro e Giroto (2014, p.26) colocam a Literatura Infantil como aquela que poderia motivar o processo de desenvolvimento infantil, mais especificamente, “o desenvolvimento de capacidades psíquicas humanas, tais como a memória, raciocínio lógico e a imaginação, [...] por meio da apropriação da leitura, tomada aqui como atividade fundamental nesse processo, com base nos pressupostos definidos por Vigotski”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o educando – sujeito que aprende e que ensina –, depara-se com as possibilidades sociais, emocionais, culturais e até econômicas, de se apropriar da leitura e da escrita, compreendendo a real função social desta atividade humana, poderá intervir socialmente produzindo novos saberes e práticas, e assim se aproximar cada vez mais da compreensão da realidade, mesmo a partir das ficções ou histórias reais, uma vez que estas fornecem modelos de como pensar o mundo.

Percebemos que muitas vezes o contato que os jovens têm com a literatura é mediada pela exigência “arbitrária” da ficha de leitura, que por vezes conduz a um entendimento

padronizado da leitura do texto ou da obra, e de certa maneira limitando as possibilidades que cada leitor ou ouvinte possa ter daquela história. É importante ressaltar que cada conto se particulariza a cada leitor ou ouvinte (MACHADO, 2015). E nesta perspectiva compreendemos que o trabalho com a literatura antes de tudo precisa levar em consideração a possibilidade de fruição, de catarse estética e humanizadora que a arte possibilita à humanidade.

E em tempo de isolamento e busca de conexão consigo e com o outro através do cuidar coletivo, da empatia e do amor, a arte tem um papel essencial de colaborar para o conforto e acolhimento através da fruição e da catarse estética que nos possibilita. Deste modo percebemos a importância de falar sobre as contribuições que a literatura traz para a formação humana.

Consequentemente é indispensável pensar e repensar o trabalho com a literatura na escola, na busca de superar a concepção em que o texto literário é apenas um pretexto para o ensino da língua, deixando de lado a potencialidade humanizadora que a arte da palavra se apresenta à humanidade. Assim esta discussão se coloca como fundamental neste contexto de reconexão. Outrossim, destacamos o papel importantíssimo que o professor pode desempenhar nesse processo. Em tempos de pandemia e de confinamento, um cenário de isolamento desfavorece o acesso às narrativas históricas e cotidianas. Dessa maneira, as conexões que eram presenciais acabam por serem, muitas vezes, substituídas pelo olho de vidro das câmeras. O acesso às narrativas encaixa-se nesse contexto com a adaptação dos narradores e dos educadores ao ambiente virtual, proporcionando, de certa maneira, a experiência humana historicamente formada e formadora, em suas dimensões descritivas, educativas, criativas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

DINIZ, Maria Lúcia Vissoto Paiva. **O bom, o belo e o bem comportado: o discurso ideológico nos contos de fadas**. Estudos Linguísticos (São Paulo), São Paulo, v. único, p. 352-358, 1995.

FARIAS, Carlos Aldemir. **Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade**. In Contadores de Histórias: um exercício para muitas vozes/ Organização Benita Prieto. Rio de Janeiro: s. ed, 2011.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. 1ª ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MORAES, S. P. G.. **A concepção de aprendizagem e desenvolvimento em Vigotski e a avaliação escolar.** In: XI Jornada do HISTEDBR: A pedagogia histórico-crítica, a educação brasileira e os desafios da sua institucionalização, 2013, Cascavel. XI Jornada do HISTEDBR: A pedagogia histórico-crítica, a educação brasileira e os desafios da sua institucionalização, 2013.

RIBEIRO, Aline Escobar M., GIROTTO, Cyntia Graziela S. G. **Literatura Infantil e desenvolvimento da imaginação na infância:** a ótica da teoria histórico-cultural. In: Seminário de Literatura Infantil e Juvenil [de Santa Catarina] – SLIJ (6.: 2014 out. 15-17: Florianópolis, SC) Anais [do] 6°. Seminário de Literatura Infantil e Juvenil [de Santa Catarina] – SLIJ/ organizadoras Eliane Santana Dias Debus, Dilma Beatriz Juliano, Nelita Bortolotto, Simone Cintra – Florianópolis: UFSC; UNISUL, 2014. P. 26-35. ISSN 2175-9308.

VALDEZ, Diane e COSTA, Patrícia Lapot. **Ouvir e Viver Histórias na Educação Infantil: um direito da criança.** In: Quem tem medo de ensinar na educação infantil? Em defesa do ato de ensinar / Alessandra Arce, Lígia Márcia Martins, organizadoras. 3ª ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013, p.165-186.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009a.

_____. **Imaginação e criatividade na infância: ensaio psicológico: livro para professores.** Apresentação e comentários Ana Luíza Smolka; tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009b.